

EDITORIAL

https://doi.org/10.46551issn2179-6793RA2022v24n1_a00

Escritas de si – arte e política na expressão da subjetividade

A revista *Araticum* acolhe nesta edição textos sobre as escritas de si e a expressão da subjetividade em suas diversas fisionomias. Do diário às memórias, da ficção sobre o eu à autoficção, diferentes perspectivas sobre textos em primeira pessoa ajudam a contar a história da sensibilidade moderna e da forma como relacionamos verdade e ficção na complexa dinâmica entre realidade social, subjetividade e linguagem.

Como aponta Paulo Petronilio (UnB), no primeiro artigo, “Escrita de si, [r]existência e subjetividade”, há uma “tonalidade afetiva acerca da escrita de si ao nos mostrar a importância de tomarmos controle da nossa existência, de buscar nos compreendermos a partir de nossas práticas da liberdade e de nossos processos de subjetivação”. Essa avaliação é tomada de Foucault para pensar a escrita de si como uma forma de resistência para a subjetividade negra: tornar-se negro (processo que incorpora uma consciência sobre sua ancestralidade e corporeidade) e ter autonomia sobre seu discurso, uma exigência ética e política. É na companhia de autores como Margareth Rago, Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, que Paulo Petronilio faz quase um manifesto sobre a magnitude da escrita de si para a expressão da negritude.

Se nesse primeiro artigo temos essa afirmação da escrita de si como uma forma de resistência e afirmação de um corpo e uma biografia, o segundo artigo de nosso dossiê aborda-a enquanto performance e negação do sujeito biográfico. Em “Do que falamos quando falamos de escrita de si”, de Maurício Chamarelli Gutierrez (UERJ), analisa como a teoria de Foucault é lida por Diana Klinger, que contrapõe os relatos que confiam na estabilidade do Eu revelado em uma escrita à autoficção, gênero que encena um Eu incerto (não se fala aqui de verdade, mas de exploração literária da subjetividade).

O terceiro artigo de nosso dossiê analisa o diário, uma prática de escrita de si fundamental para compreendermos estratégias de documentação e exploração da subjetividade. Em “*Cadernos de Lanzarote: o diário como ‘espelho de confiança’*”, Marcelo Brito da Silva (UFMT) e Vinícius Carvalho Pereira (UFMT) estudam o diário de José Saramago, observando seu uso como forma de comprazimento do eu. Saramago, em seu longo diário, discorre sobre as funções dessa prática de escrita de si, mostrando-o como estratégia para fixação do tempo, de extravasamento das emoções, de construção da personalidade e de autodefesa, para além do exercício do prazer de escrever sobre si sem pretensões literárias.

Seguindo o caminho de tais discussões sobre a escrita de si, no artigo de Romildo Biar Monteiro (UFC) e Mary Nascimento da Silva Leitão (UECE) são analisados criticamente os escritos íntimos do romancista Lúcio Cardoso, a partir de três aspectos temáticos fundamentais a sua obra, a saber: Deus, o homem e Minas Gerais. Para os autores, as memórias de Lúcio Cardoso, em seu teor autobiográfico, fazem com que o escritor se converta em um personagem de si mesmo, recriando-se por meio da inventividade literária.

As memórias também são o tema do artigo “As memórias de Plínio Marcos: do fora de si ao outro do fora”, a obra *Figurinha difícil: pornografando e subvertendo*, de Plínio Marcos. Nele, Gabriel Moreira Faulhaber (UFJF) e Luigi de Carvalho Caruso (UFJF) suscitam reflexões sobre como as memórias do dramaturgo brasileiro podem ser compreendidas a partir de uma política da vida, que se constitui por meio dos atravessamentos afetivos e do pertencimento a uma coletividade.

A produção poética de Primo Levi, mais especificamente os poemas “Levantar” e “Shemá”, são discutidos criticamente por Artur Viana do Nascimento Neto (UFC) e Fernanda Suely Muller (UFC), em “O teor testemunhal da poesia de Primo Levi”. Neste artigo do nosso dossiê, destaca-se como aspectos nucleares da poesia de Primo Levi a catarse e a denúncia, as quais buscam despertar uma postura ética do leitor no que diz respeito ao Holocausto.

Seguindo, temos o artigo “Memória e rastro em Dora Bruder de Patrick Modiano”. Nele, Ana Karla Canarinos (UERJ) e Fabio Ávila Arcanjo (UNICAMP) discutem a impossibilidade de Modiano narrar o horror, produzindo um romance lacunar no qual o narrador-detetive busca reconstruir a experiência traumática de uma personagem que não é uma sobrevivente dos anos da II Grande Guerra, mas uma afogada. O artigo não só lança olhares sobre a tentativa de reconstrução de um trauma como também a importância dos arquivos na construção de uma narrativa em que dados biográficos do narrador são mostrados concomitantemente aos dados de jornal encontrados sobre Dora Bruder, numa narrativa que se destaca também pelo hibridismo.

Assim como o hibridismo é uma tensão no romance de Modiano analisado no artigo anterior, em “O jogo autoficcional em *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato”, Adriana dos Santos Gonçalves (UEG) e Paulo Alberto da Silva Sales (IFGO) ressaltam como Ruffato trabalha o hibridismo, ao trazer em seu romance diferentes dicções narrativas em que o nome do narrador e o nome do autor se confundem. Embasando em Lejeune, Doubrovsky e Diana Kingler, os autores buscam definir a autoficção e analisá-la no romance de Ruffato a fim de apresentar a obra do escritor mineiro não como uma autobiografia, mas salientando como “a autoficção se manifesta em sua obra como aproveitamento de suas experiências pessoais”, colocando-se como uma leitura específica de mundo.

Por fim, voltamos à poesia em “Um sujeito guenzo: considerações acerca do eu poético de João Cabral de Melo Neto em *A escola das facas*” de Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP) e Monick Pereira de Araújo dos Santos (UFOP). Nesse último artigo, os autores analisam, tendo por base os poemas “A imaginação do pouco”, “Tio e sobrinho” e “Descoberta da literatura”, do livro *A escola das facas*, de João Cabral, o lugar singular que a obra ocupa no conjunto da poesia cabralina, por dar destaque ao tom autobiográfico, em especial na memória da infância. O percurso é feito com base no conceito de autobiografia, desenvolvido por Luiz Costa Lima, e no de sujeito lírico, discutido por Dominique

Combe, a fim de verificar que nesses poemas de *A escola das facas*, João Cabral apresenta um sujeito lírico que se equilibra entre o sujeito empírico, o autobiográfico e o lírico.

Assim, apresentamos nesse dossiê uma coletânea de trabalhos que busca discutir como as variadas formas de escrita de si relacionam verdade e ficção na complexa dinâmica entre realidade social, subjetividade e linguagem. Nesta edição, os textos apresentam aspectos particulares da percepção do sujeito quanto a si mesmo e quanto ao mundo. Entre as experiências em torno da escrita autobiográfica aqui apresentadas – não só enquanto ato de documentação de si, mas também como investimento em processos de invenção da subjetividade –, há como denominador comum a centralidade do desejo de autocompreensão e de entendimento do mundo, através da vivência individual.

Danilo Barcelos (Unimontes)

Mônica Gama (UFOP)

Paulo Ricardo Moura da Silva (IFMG)